

DAN: A SERPENTE ARCO-ÍRIS.
DAN: THE RAINBOW SERPENT.

Vinicius Vasconcelos Castro¹.

RESUMO

Este breve texto tem como objetivo apresentar e pôr em discussão as características culturais e de gênero que definem o/a Orixá Oxumarê, através da sua dualidade sexual, pois o mesmo apresenta tanto a identidade sexual masculina como feminina, característica peculiar deste Orixá que é observada também nos seus filhos e filhas. Esta peculiaridade o diferencia dos demais orixás, no aspecto mítico único de que exhibe metade do ano como uma fêmea e a outra metade como macho, construindo assim uma representação dual de gênero que será analisada.

PALAVRAS-CHAVES: Androginia, Hermafroditismo, Orixá e Dualidade.

ABSTRACT

This short text aims to present and implement speech and culture characteristics that define the genre Oxumarê the Orisha, through their sexual duality, because it presents both the sexual identity of male and female, that peculiar feature of this Orisha is also observed in their sons and daughters. This peculiarity distinguishes it from other deities, that is the only one whose myth tells us that he / she is six months of the year female and other six male, thus creating a dual representation of gender that will be analysed.

KEY WORDS: Androgyny, Hermaphroditism, Orisha and Duality.

Introdução

O orixá Oxumarê evidencia seu hermafroditismo em uma perspectiva de estudo de gênero. Para desdobrar este objetivo, identificaremos e categorizaremos os elementos que compõem o complexo simbólico deste Orixá, expressos no que se representa dele em seus mitos e símbolos.

Dentro da perspectiva de gênero de autores como Scott (1992), “ A diferença dos sexos é um jogo político que é, ao mesmo tempo, jogo cultural e social”. Para este autor o mais importante seria insistir sobre a historicidade das relações homens/mulheres, as ideias e os conceitos, bem como as diferenças sexuais.

Ainda na perspectiva de estudos de gênero encontramos em Albuquerque Junior (2003) que:

“As práticas cotidianas de gênero, de ser homem não estão determinadas nem pela genitalidade, nem pelos códigos de sexualidade. O gênero nem é natural, sendo uma criação histórica e cultural, nem está preso completamente a uma ordem dominante de prescrições. Mesmo dentro de uma cultura como a nordestina, onde as práticas, imagens e enunciados definem e exigem de forma muito estrita, o ser masculino, as maneiras de praticar este gênero são variadas, as trajetórias culturais metaforizam a ordem dominante, impõem a esta microresistências, gestando microdiferenças. Trajetórias culturais de homens que muitas vezes podem ser exemplos da arte no exercício ao mesmo tempo da ordem e da burla”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2003, p. 26).

1. Graduado em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

Desenvolvimento

Procuramos então a partir destas considerações sobre gênero estudar a dupla identidade sexual do orixá Oxumarê, que na mitologia Ioruba seria originário da região do Mali, ex-Daomé, onde este orixá é chamado de Dan. Contudo, esta divindade é representada na forma do arco-íris ou de uma serpente, que simboliza a força, a riqueza, a fortuna e a dualidade, pois é representado ora como macho, ora como fêmea.

Para Verger (1999), “Oxumarê apresenta-se como uma serpente que morde a sua própria cauda, formando assim um círculo fechado. Simbolizando a força vital do movimento e de tudo o que é alongado, ele sustenta a terra impedindo-a de desintegrar-se”.

“Simboliza também a força vital, do movimento, de tudo o que é alongado. É ao mesmo tempo macho e fêmea. Ele sustenta a terra e a impede de desintegrar-se. É a riqueza e a fartura. Algumas contas azuis ditas Nana ou pedras de Aigry, denominavam-se Dan Mi (excremento de Dan) e são deixadas por ele no chão à sua passagem; dizem que elas valem o seu peso de ouro”. (VERGER, 1991, p. 231).

Como um servidor de Xangô o seu trabalho consiste em recolher a água da chuva caída na terra, levando-a de volta às nuvens, o que Verger (1990) relata como um “certo tom educativo e descritivo” dos fenômenos naturais. Oxumarê produz as forças que dão o movimento, a mobilidade e a atividade. Ainda falando sobre esta entidade, este autor observa:

“O cordão umbilical que esta sob seu controle, é enterrado, geralmente com a placenta, sob uma palmeira que se torna propriedade do recém-nascido, cuja saúde dependerá da boa conservação dessa árvore”. (VERGER, 1990, p. 78).

Isto ocorre por que segundo Verger (1990), “...o Orixá na África tem uma relação na religião ligada diretamente ao cotidiano e aos elementos da natureza, pois o alongamento do cordão umbilical liga o recém-nascido diretamente a Oxumarê que terá o controle do desenvolvimento da criança, conforme o desenvolvimento da árvore”.

Assim o assentamento de Dan localiza-se fora das casas e dos templos. Este assentamento é representado por dois potes, um macho, que é enfeitado por pequenos chifres, e outro fêmea. Além disso, pelo fato deste(a) orixá habitar algumas árvores, a seus pés são colocados seus símbolos próprios, como colares de contas de vidro amarela e verde, os brajá - longos colares de búzios - ou o ebiri, que é uma espécie de vassoura de mão feita de folhas de palmeira, que serve para espantar os mosquitos.

Outro estudioso das religiões afro-brasileiras, Carneiro (2002), salienta que o dia 24 de agosto é o dia de festejos a Oxumarê e que o(a) mesmo(a) é servidor de Xangô. Acrescente-se que para os praticantes do Candomblé, Oxumarê tem a forma de uma serpente e que come carneiro, galo e cágado. Este autor também afirma que Oxumarê veste-se de branco, com enfeites de búzios e contas amarelas, e traz um tridente na mão.

“[...] Oxumarê é um intermediário entre o céu e a terra, que une por meio de seu longo véu multicolor; portanto, sendo favorável, pode muito mais depressa levar as orações dos fiéis aos deuses lá de cima”. (BASTIDE, 1978, p. 100).

O símbolo de Oxumarê é universalmente conhecido, pois o mesmo impede que a chuva caia, utilizando um lindo arco-íris. Desta forma, o Orixá demonstra a sua força, esta divindade

reside no céu e de tempos em tempos apresenta-se na terra na forma do arco-íris, neste momento, - de acordo com a cultura Ioruba - os seres humanos tornam-se ricos e felizes.

O arquétipo dos filhos e filhas de Oxumarê representa-se pelo desejo de serem ricos; de serem pessoas pacientes e perseverantes nos seus empreendimentos e que não medem sacrifícios para atingir seus objetivos. Sua tendência à duplicidade pode ser atribuída à natureza andrógina de seu Deus: “No seu destino estava inscrito que ele deveria passar seis meses como um monstro e seis meses como uma linda mulher” (PRANDI, 2001, p. 227). Mulher esta que com o sucesso torna-se facilmente orgulhosa, vaidosa, apreciando demonstrar sua grandeza recente. Não deixam de possuir certa generosidade e tampouco se negam a estender a mão em socorro àqueles que dela necessitam.

Mas, na tentativa de fazer sobreviver sua cultura, os escravos africanos começaram a estabelecer paralelos entre suas divindades e os santos da Igreja Católica. A história de vida dos santos católicos e os atributos apresentados por suas imagens facilitaram a identificação com os Orixás. No Brasil, Oxumarê foi sincretizado com São Bartolomeu; a terça-feira é o dia da semana consagrado a ele(ela). Seus iniciados usam brajá, enfiados de maneira a parecerem escamas de serpente, e trazem na mão um ebiri. Outras vezes seguram também uma serpente de ferro forjado. Durante sua dança, seus(suas) iaôs apontam alternadamente para o céu e para a terra. Ao orixá Oxumarê é feita oferenda de patos e outras comidas onde se misturam feijão, milho e camarões cozidos no azeite-de-dendê.

“[...] Nanã, que é considerada na Bahia a mais velha das divindades das águas, a “vovó” ao mesmo tempo querida e venerada. Oxumarê ou Oxumarê é também uma divindade das águas, pois, representa o arco-íris, e a função do arco-íris é levar até o céu a água dos lagos ou do mar e com ela alimentar as nuvens”. (BASTIDE, 1974, p. 100).

Oxumarê é uma divindade das águas por esta ligado(a) diretamente às sua mãe Nanã, Prandi (2001), destaca que Oxumarê usurpou o trono de Nanã, pois Dan “não conseguia nunca uma relação de amor estável”, assim Oxumarê une-se a Exu para tomar a coroa de sua mãe. Transformando-se em uma serpente, passa a aterrorizar o palácio e toda a nação jeje. Então Nanã entrega a Oxumarê sua coroa. Contudo, quando Oxumarê fora feito(a) Orixá, ficou encarregado de levar água da terra para o palácio de Xangô.

De acordo com Verger (1990), certas lendas contam a história de Oxumarê, como um(a) babalaô filho(a) do proprietário da estola de cores brilhantes. Esta entidade começou a vida com um longo período de mediocridade e por esta razão mereceu o desprezo de seus contemporâneos. Sua chegada final à glória e ao poder é simbolizada pelo arco-íris.

Outra lenda relata que Oxumarê vivia duramente explorado por Olofin, o rei de Ifé, seu principal cliente. Olofin consultava a sorte de quatro em quatro dias, mas o rei remunerava seus serviços com extrema parcimônia e Oxumarê vivia em estado de quase penúria. Oxumarê fora chamado por Olokum, um rei de um reino vizinho, cujo filho estava muito doente e não conseguia manter-se de pé, tinha crises, e de acordo com a lenda, nestes momentos rolava sobre as cinzas ardentes do fogareiro.

Oxumarê curou a criança e voltou ao Ifé repleto de presentes, vestido com riquíssima vestimenta do mais belo azul. Olofin, espantado por esse repentino esplendor e lastimando sua avareza passada, rivalizou em generosidade com Olokum, dando também a Oxumarê presentes e oferecendo uma roupa de uma bela cor vermelha. Oxumarê tornou-se rico e respeitado. Outra

lenda narra que Olodumaré, o Deus supremo, sofria das vistas e mandou chamar Oxumarê, e que uma vez curado recusou separar-se de Oxumarê, que desde então passou a residir no céu.

“Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos. Elas têm, portanto aquilo que Edward Said chama de suas “geografias imaginárias” (SAID, 1990): suas “paisagens” características, seu senso de “lugar”, de “casa/lar” ou heimat, bem como suas localizações no tempo – nas tradições inventadas que liga passado e presente, em mitos de origem ou projetam o presente de volta ao passado, em narrativas de nação que conectam o indivíduo a eventos históricos nacionais mais amplos, mais importantes” (HALL, 2003, p. 71 – 72).

Oliveira (2003) analisa a cosmovisão dos africanos no Brasil, a partir, sobretudo, das organizações religiosas. Os negros africanos e seus descendentes recompuseram as estruturas e princípios tributários de uma cosmovisão de matriz africana e reconstruíram assim seu universo cultural-religioso preservando, com rupturas e continuidades, alterações feitas a partir de suas necessidades, entre elas a obrigação de assistir às missas e a proibição de cultuar seus deuses.

Assim, as religiões de cunho animista que aqui chegaram com a diáspora negra não apresentam relação direta com as figuras masculinizadas de seus deuses, tal como ocorre no cristianismo, religião monoteísta que tem como representação central o homem (símbolo de masculinidade e patriarcalismo). Oxumarê representa a aspiração da ultrapassagem dos limites imposta pela vida para homens e mulheres, abolindo a divisão masculino/feminino e tendendo a um ideal andrógino, portanto temos em sua construção simbólica a falência de uma identidade sexual única e fixa em sua representação.

Os arquétipos em Oxumarê trazem à tona uma nova forma de pensar o masculino e o feminino no candomblé. Segundo Venancio e Del Priore (2004), a religião africana é ligada às dificuldades diárias, sobretudo em se tratando de aliviar sofrimento e assegurar a paz, a prosperidade e fecundidade. Divindades da natureza confundem-se, muitas vezes, com figuras humanas deificadas e muitas delas confundiam-se em relação ao sexo.

A falocracia tal como a que percebemos na tradição judaico-cristã não existe na cultura Ioruba, tampouco nos cultos nagô. Seus deuses possuem características humanas, que definem seus comportamentos, não só para o orixá, mas para os seus filhos. A natureza andrógina em Oxumarê revela o mais íntimo dos pensamentos humanos, ele é o equilíbrio e ao mesmo tempo o infinito, o seu elo é a busca de novas formas de compreensão da realidade social.

Sobre esta relação com a realidade social, Oliver (1980), diz-nos que na África as religiões assumem um papel primordial na organização da vida comunitária e na estrutura das suas sociedades. A dimensão comunitária dessas religiões expressa sua concepção de vida e do universo, onde o importante é o bem estar de todos os membros da comunidade. Não havendo divisão de classes ou privilégios sociais, os benefícios da religião e da religiosidade são universais.

Entretanto a religião não está desvinculada do cotidiano, da política, da economia, do relacionamento entre os sexos, entre outras coisas a religião é uma forma de sacralização destas dimensões na forma de um todo, que deve ser administrado para a satisfação das necessidades dos membros, tanto na esfera do sagrado como do profano.

Nestas religiões afro-brasileiras os poderes masculinos e femininos são complementares, havendo entidades que representam o coletivo e a comunidade. Todo o universo está dentro de dinâmicas religiosas, abarcando o domínio da cultura, vida privada e pública, entre outros aspectos.

Contudo, quando os praticantes do candomblé cultuam seus Orixás, cultuam também as forças elementares oriundas da água, da terra, do fogo, do ar, entre outras. Esse equilíbrio traz uma enorme energia (Axé) que os auxilia em seu dia a dia. Sendo assim, quando os adeptos dizem que adoram deuses, referem-se à adoração das forças da natureza, tais como: jazidas de ferro, florestas, raízes, lava de vulcão, lagos, cachoeiras, mares, pois é através das cores, das histórias/lendas e de seus elementos que os orixás são compostos e identificados.

Portanto, a história das religiões afro-brasileiras desponta muito das nossas crenças, além das nossas concepções de identidade sexual. Desvenda, sobretudo, a mistura entre povos de cultura e padrões morais diferentes, etnias e grupos sociais que deram forma a uma cultura de incorporações e resistências. Ainda hoje, essas manifestações religiosas e seus rituais são testemunhos vivos marcados na gira de um Orixá, no toque do atabaque ou no canto em Ioruba, do universo cultural africano assentado deste lado do atlântico, especialmente no Brasil.

Em relação ao hibridismo sexual presente nas representações do orixá Oxumarê podemos dizer citando Hall (2003),

“Que algumas pessoas argumentam que o hibridismo e o sincretismo – a fusão entre diferentes tradições culturais - são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura, mais aproximadas à modernidade tardia que às velhas e contestadas identidades do passado. Outras, entretanto, argumentam que o hibridismo, com a indeterminação, a “dupla consciência” e o relativismo que implica, também tem seus custos e perigos”. (HALL, 2003, p. 91).

Podemos perceber também que a ausência de uma identidade sexual fixa e definida em uma entidade afro-brasileira não é motivo para que seja dessacralizada nas religiões de matriz afro-brasileira como ocorreria, por exemplo, no cristianismo, onde tal aspecto seria inaceitável em suas divindades. Nos cultos de matriz africana existem percepções próprias de gênero e de sexualidade, com padrões de moralidade e de aceitação ou recusa que lhe são peculiares, onde o hermafroditismo, androginia e a homossexualidade não são vistos como condenáveis. Ao contrário, apresenta-se como sagrado quando o adepto possui como seu “santo de cabeça” o(a) orixá Oxumarê, cujo hibridismo sexual é característico.

Temos a respeito da questão da androginia e do hermafroditismo nos cultos afro-brasileiros a seguinte observação do antropólogo Roger Bastide:

“[...] todo o homem tendo anima, toda a mulher, animus. É o desejo de efeminação do homem, a nostalgia de Hercules de ficar aos pés de Ónfale; é o desejo de masculinização da mulher, de que a mulher fálica é o símbolo extremo. Podemos dizer que a religião afro-brasileira reconhece este bovarismo sexual e que apresenta justamente uma solução para ele, fazendo do homem o possuído de uma deusa, da mulher, a possuída de um deus, forçando-os assim a desempenhar no teatro místico papéis opostos aos fixados pelos status sociais dos dois sexos”. (BASTIDE, 1973, p. 318).

Conclusão

Este “bovarismo sexual” no candomblé do qual nos fala Bastide é uma aspecto onde se percebe a singularidade de atitudes e concepções desta religião quanto às questões presentes na humanidade como o hermafroditismo, a androginia e a bissexualidade. Com este expediente, em vez de reprimir e hostilizar o diferente por apresentar estas características, atribui a existência de tal dubiedade num mesmo ser a uma questão de mistério místico-religioso.

Referências

- ALBURQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Nordeste: Uma Invenção do Falo – Uma História do Gênero Masculino (Nordeste – 1920/1940)**. Maceió: Catavento, 2003.
- BASTIDE, R. **O Candomblé da Bahia: Rito Nagô**. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.
- CARNEIRO, E. **Candomblé da Bahia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 8º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- OLIVEIRA, D. E. **Cosmovisão Africana no Brasil: Elemento para uma Filosofia Afrodescendente**. Fortaleza: LCR, 2006.
- OLIVIER, R. & FAGE, J. D. **Breve História da África**. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Codex, 1980.
- PRANDI, R. **Estudos Afro-Brasileiros**. São Paulo: PERSPECTIVA S.A, 1973.
- _____. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SCOTT, J. “Gênero: Uma Categoria útil de análise histórica”. In: Lopes, Eliane Marta Teixeira e Laura Guacira Lopes. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 16, n. 2. Jul/Dez 1990. P. 2 – 22.
- VENANCIO, R. P. & DEL PRIORE, M. **Ancestrais: Uma Introdução à História da África Atlântica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- VERGER, P. F. **Orixás**. 10º ed. São Paulo: Corrupio/Circulo do Livro, 1990.
- _____. **Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.